# LEMBRANÇAS DO QUE O OLHAR OBLÍQUO DE CAPITU NÃO VIU

Anna Paula Ferreira da Silva (UFRR)[1]

**Resumo**: O presente trabalho, que faz parte de minha pesquisa de mestrado, desenvolvida na Universidade Federal de Roraima, sob a orientação do Professor Roberto Mibielli, observa e compara com a obra de Machado de Assis – em situações episódicas- como, por meio do discurso, o espaço de Dois Irmãos se materializa, transpondo os limites do corpo e alcançando uma construção discursiva que permite reconstituir a cena da época e o modo como diferentes sociedades se constituem a partir do corpo e do discurso.
**Palavras-chave:** Olhar; Memória; Discurso; Espaço

**Abstract:** The present study, which is part of my research for my masters degree, developed in the Federal University of Roraima, under the guidance of Professor Roberto Mibielli, observes and compares the work of Machado de Assis – in episodic situations – as, through the speech, the space of Two Brothers materializes, transposing the body's limit and reaching a discursive construction that makes possible a reconstitution of the date scene and the manner how different societies are established by the speech and the body.
**Key words:** Look, memory, Speech, Space

A pretensão deste trabalho é apresentar e fundamentar, com base nas contribuições de diversos autores, uma breve análise, de abordagem geográfica-humanista e topofílica, do espaço urbano em Dois Irmãos e Dom Casmurro. A intensão é apontar e comparar entre as duas obras, as várias possibilidades de análise a partir da categoria do espaço. Contudo, o estudo dessa categoria tem como obstáculo alguns questionamentos no que tange a dimensão temática. Os questionamentos são muitos, as respostas também. A começar pelo próprio termo: que é espaço?

Críticos literários como Gaston Bachelard e Yi-Fu Tuan, que têm seus trabalhos voltados para a análise espacial nas narrativas, criam, conforme querem direcionar suas críticas, meios concernentes ao resgate de conceitos da geografia, sociologia e filosofia.

Conforme essa acepção, para dar cabo à pesquisa, selecionaremos e elencaremos algumas passagens referentes ao espaço em que se desenrola a narrativa, para que possamos verificar as várias possibilidades de se trabalhar com essa categoria nas narrativas por nós selecionadas. Para tanto, a princípio, seguiremos as definições e categorias propostas por Yi-Fu Tuan:

---

[1] Graduada em letras/literatura pela Universidade Federal de Roraima. Professora do ensino básico em instituição privada. Mestranda em Literatura na Universidade Federal de Roraima. Bolsista PIBID/CAPES de 2010 a 2012. Bolsista voluntária PIBIC/CNPq entre 2011 e 2012.

> Espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. O lugar pode ser desde a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria. Animais não humanos também tem um sentido de território e lugar. Os espaços são demarcados e defendidos contra invasores. Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação. (TUAN,1980, p2)

Tuan afirmou, em Topofilia, que sentiu a "necessidade de separar e ordenar de alguma maneira a ampla variedade de atitudes e valores relacionados com o ambiente físico do homem" (TUAN, 1980, p.5), e, como não encontrou temas ou conceitos com os quais pudesse estruturar seu trabalho, acabou recorrendo "a categorias convenientes e convencionais (como subúrbio, vila, cidade ou tratar separadamente os sentidos humanos) em vez de usar categorias que evoluíssem logicamente de um tema central" (TUAN, 1980, p.5). Contudo, em Espaço e Lugar, procurando alcançar posição mais coerente, Tuan reduziu seu enfoque para "espaço" e "lugar".

Assim, para melhor organizarmos a análise, dividiremos os espaços em: "lugar" para: as descrições da(s) casa(s), e, "espaço externo" para: elementos da natureza e descrições da cidade (prédios, palafitas).

No decorrer da leitura de Dois Irmãos percebi que os espaços externos e lugares vão sendo deteriorados. Essa análise mais aprofundada que visará analisar as passagens dispostas nas categorias de análise propostas acima, e, que terá como escopo mostrar como se dá a degradação dos espaços fictícios da obra e a relação dessa deterioração como consequência da desestrutura familiar e/ou da relação afetiva das personagens com os lugares em que vivem, serão desenvolvidas somente em minha dissertação de mestrado. Aqui apontaremos sucintamente como esse espaço aparece e faremos uma breve comparação com Dom Casmurro.

Fernando Pessoa, certa vez poetizou que "os que leem o que escreve/ na dor lida sentem bem". Tendo em vista que a dor real ao elevar-se ao plano da arte passa a ser imaginada não seria inoportuno apontarmos que, de maneira semelhante, os romances de costumes transpõem para a narrativa "as dores" do cotidiano de determinada época. Levaremos em consideração que essas "dores" são transmitidas ao leitor por meio das personagens e suas relações com outras personagens ou com o espaço narrativo.

Gaston Bachelard, em A Poética do Espaço, explica, no primeiro capítulo, que a casa é como “um verdadeiro cosmos”; “o nosso primeiro universo” (BACHELARD, 1993, p. 24). Essas acepções são compreendidas no presente trabalho no sentido de esta ser guarida do homem, lugar em que ele passa considerável parte de sua vida, em que acontecem as brigas, os romances, os jantares em família... lugares que mesmo após a morte de algum membro, determinados compartimentos contribuem para a lembrança do ente familiar.

Essa relação entre o espaço narrativo e os valores sociais embutidos na relação entre eles e as personagens são denominados por Gaston Bacherlard de topoanálise:

> A topoanálise seria então o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima. Nesse teatro do passado que é a memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo , ao passo que se conhece apenas uma série fixações nos espaços  da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo; que no próprio passado, quando sai em busca de um tempo perdido, quer suspender o voo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprido. Essa é a função do espaço. (Bachelard, 1983p. 28)

Considerando as teorias de Yi-Fu Tuan e Bachelard, começaremos nossa análise. Contudo, é imprescindível que tenhamos em mente que, segundo nossa percepção, Milton Hatoum atualiza Machado de Assis, pois trava um diálogo entre Dois Irmãos e Esaú e Jacó.  Percebemos, como já afirmamos no início desse trabalho, que talvez o ponto que atualize de maneira mais intensa a obra de Hatoum em contraponto com as influencias Machadianas, sobretudo em Esaú e Jacó e Dom Casmurro, consista na degradação do espaço amazônico por meio do olhar do narrador.

Mas, nesta breve análise, abriremos mão da apropriação, feita por Hatoum, concernente a Esaú e Jacó, no que se refere aos enredos e tipos dos personagens, e faremos a comparação do espaço em Dois Irmãos e Dom Casmurro. Acreditamos que entre essas duas obras há muito em comum: Os dois narradores são em primeira pessoa, ambos retomam, por meio da memória, o passado e são personagens solitários. O espaço da memória ganha lugar de destaque nas duas obras.

Na narrativa de Hatoum, Nael é filho da índia Domingas com um dos homens da casa e esse é o dilema do narrador, visto que sua intensão, ao recontar a história da

família em que foi criado, é descobrir sua paternidade. Hatoum parece partir da ideia de Machado de Assis no sentido de que Bento Santiago também busca retomar sua trajetória a fim de descobrir se Capitu o traiu, ou não.

Hatoum constrói uma trama que propõe alguns problemas enfrentados pelos amazonenses e seus colonizadores. Ele denuncia o abuso sexual sofrido pelos indígenas; o comércio de crianças indígenas, intermediado por freiras, que muitas vezes eram levadas aos lares de famílias imigrantes e/ou migrantes para serem escravas (tanto domésticas, quanto sexuais); o crescimento desordenado de Manaus, devido ao grande fluxo de pessoas com intuito de enriquecer por meio da exploração dos recursos naturais e, consequentemente as que se aproveitavam da ocasião para importar e/ou vender produtos ilegais.

Omar, um dos gêmeos, em determinado ponto da obra, passa a ser vendedor de produtos ilegais. Todas essas passagens foram "vistas" por Nael, ali mesmo, de dentro da casa da família, de onde pouco ele se ausentava, mas tudo perscrutava e expectava. Dessa maneira, acreditamos que esses “problemas” colaboraram para a construção de uma topoanálise. Verificaremos esses aspectos no decorrer desse estudo.

A casa, em Dom Casmurro, é o primeiro espaço a ser descrito. O Bento Santiago do início do livro descreve e aponta como reconstruiu a casa de sua infância:

> Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia da outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. (ASSIS, 2008,p.7)

Em Dom Casmurro, Bento Santiago (re)constrói a casa da rua de Matacavalos com intuito de “atar as duas pontas da vida”, a fim de encontrar respostas e até mesmo compreender os motivos que o conduziram à solidão. Percebemos que por detrás da (re)construção Bentinho deixa escapar suas aflições seu desamparo, sua solidão e o sofrimento que ela acarreta: “Tenho chacarinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa.”.(ASSIS, 2008, p.8).

Apesar de a casa ter um aspecto interiorano, ele não conseguiu por meio do espaço a tranquilidade interior/psicológica esperada. Quando ele diz "vida interior" parece remeter ao ambiente, ao cenário, a casa. Em contrapartida, quando ele diz que a exterior é “ruidosa" parece referir-se ao seu atual estado emocional.

Bento Santiago aponta que a escrita de Dom Casmurro foi fomentada pela (re)construção da casa, visto que por meio dela ele não conseguiu tapar as lacunas e reestabelecer-se : "Foi então que os Bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns." (ASSIS, 2008, p.9).

Assim como Dom Casmurro, Dois Irmãos também inicia com ênfase na casa. Talvez de maneira mais intensa, visto que o poema Liquidação, de Drummond, está disposto como epígrafe:

*A casa foi vendida com todas as lembranças*
*Todos os móveis todos os pesadelos*
*Todos os pecados cometidos ou em vias de cometer*
*A casa foi vendida com seu bater de portas*
*Com seu vento encanado sua vista do mundo*
*Seus imponderáveis [...]*

Hatoum coloca a casa em lugar de destaque. É por meio dela que inicia a obra e, no decorrer da trama ela passa a acompanhar a derrocada da família. Para Zana, a matriarca da família libanesa, o lugar em que herdou do pai e passou a maior parte de sua vida era vital para sua sobrevivência:

> Zana teve de deixar tudo: o bairro portuário de Manaus, a rua em declive sombreada por mangueiras centenárias, o lugar em que para ela era tão vital quanto a Biblos de sua infância: a pequena cidade do Líbano que ela recordava em voz alta, vagando pelos aposentos empoeirados até se perder no quintal, onde a copa da velha seringueira sombreava as palmeiras e o pomar cultivados por mis de meio século.(...) antes de abandonar a casa, Zana via o vulto do pai e do esposo nos pesadelos da última noite, depois sentia a presença de ambos no quarto em que haviam dormido. Durante o dia eu a ouvia repetir as palavras do pesadelo, "Eles andam por aqui, meu pai e

> Halim vieram me visitar... eles estão nesta casa". (HATOUM, 2000,p.11)

Nael narra essas passagens apontando o ambiente externo de Manaus e a sua importância para zana. Ela conseguia sentir toda sua história de vida. Seu pai, seu esposo, tudo ali lembrava eles. Ela conseguiu sentir ali o que Bentinho almejava sentir ao reconstruir a casa de Matacavalos. Zana tem fixação pelo gêmeo mais velho e é intrinsicamente ligada a ele e a casa. Há entre ela e Bento Santiago a predominância de características semelhantes. Bento é intrinsicamente ligado a Capitu e também deseja reviver os momentos da infância e juventude, senti-los novamente.

Entretanto, a parte da casa que atualiza de maneira crítica Dois Irmãos e desvela as consequências históricas em respeito da violência contra os índios, se faz presente nos quartos do fundo da casa. O de Domingas e o de Nael.

> Zana não se desapegava dele e o outro ficava aos cuidados de Domingas, a cunhantã mirrada, meio escrava, meio ama, "louca para ser livre", como ela me disse certa vez, cansada, derrotada, entregue ao feitio da família, não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões, mas todas vivendo nos fundos da casa, muito perto da cerca do muro, onde dormiam com seus sonhos de liberdade. (HATOUM, 2000,p.67)

"Louca para ser livre", segundo Nael, são "Palavras mortas". O narrador que foi fruto da violência contra sua mãe e por conseguinte contra ele mesmo, permitiu que conheçamos uma Manaus desnudada dos valores europeus. Talvez o "inferno verde" da parte oprimida.

Em princípio Nael dormia com Domingas, mas ao crescer, Halim o patriarca da família, que era afeiçoado pelo cunhatã, sugeriu que ele tivesse um quarto só para ele, afinal, apesar da enorme seringueira, no quintal havia espaço para mais um quartinho:

> Eu mesmo ajudei a limpar e a pintar o quartinho. Desde então foi o meu abrigo, o lugar que me pertence neste quintal. Agora só escutava o eco da canção que minha mãe cantava nas noites de insônia. Às vezes, quando eu estava estudando, via o rosto de Domingas no vão da janela, cabelo liso, de cobre, sobre os ombros morenos, os olhos dirigidos para mim, como se me pedisse para dormir com ela, na mesma rede, nós dois abraçados. (HATOUM, 2000,p. 80)

Ele tinha um lugar para chamar de seu. Não uma casa. Um quartinho, que está no entre lugar, ladeado pela cultura indígena e pela libanesa. Nael é o resultado da

entremistura. Ele teve a "oportunidade" que sua mãe não teve, a de estudar. Por isso mesmo o enxergamos como portador de uma visão mais crítica. Sua mãe não tinha voz. Ele, por ser fruto dessa mistura tinha direito até de sentar à mesa da casa da família de Halim, na maioria das vezes quando eles não estavam lá: "Podia frequentar o interior da casa, sentar no sofá cinzento e nas cadeiras de palha da sala. Era raro eu sentar à mesa com os donos da casa, mas podia comer a comida deles, beber tudo, eles não se importavam." (HATOUM, 2000, p.82). Contudo, apesar das regalias, ele ainda era o filho da caboca "adotada" pela família: "Quando não estava na escola, trabalhava em casa, ajudava na faxina, limpava o quintal, ensacava as folhas secas e concertava a cerca dos fundos." (HATOUM, 2000, p.82).

Nael, em determinado ponto da obra denuncia o crescimento desordenado de Manaus, os bairros que não são vistos de fora. O ambiente esterno a casa, a Manaus segundo sua ótica era comtemplada aos domingos, quando zana o incumbia algum afazer:

> Aos domingos, quando zana me pedia para comprar miúdos no porto da Catraia, eu folgava um pouco, passeava ao léu pela cidade, atravessava as pontes metálicas, perambulava nas áreas margeadas por igarapés, os bairros que se expandiam àquela época, cercando o centro de Manaus. Via um outro mundo naqueles recatos, a cidade que não vemos, ou não queremos ver. Um mundo escondido, ocultado, cheios de seres que improvisavam tudo para sobreviver, alguns vegetando, feito a cachorrada esquálida que rondava os pilares das palafitas. (HATOUM ,2000, p. 80)

A periferia de Manaus nos é apresentada por meio do olhar desse narrador que cresceu em um ambiente nobre, em um bairro central, mas que não desfrutava da mesma maneira que os donos da casa. Nessas passagens conseguimos enxergar a crítica de Hatoum referente ao esquecimento dos oprimidos, dos que moram em condições precárias nas palafitas construídas desordenadamente sobre o rio Negro. Descreve as condições precárias de forma naturalista, comparando os seres que lá habitam, com animais. Ou seja, há em Dois Irmãos, várias denúncias.

A sensação de liberdade de Nael está condicionada ao ambiente externo:

> Mirava o rio. A imensidão escura e levemente ondulada me aliviava, me devolvia por um momento a liberdade tolhida. Eu respirava só de olhar para o rio. E era muito, era quase tudo nas tardes de folga. Às

> vezes Halim me dava uns trocados e eu fazia uma festa. Entrava num cinema, ouvia a gritaria da plateia, ficava zonzo de ver tantas cenas movimentadas, tanta luz na escuridão. Depois eu cochilava e dormia, uma, duas sessões, e despertava com o lanterninha chacoalhando meu ombro. Era o fim. O fim de todas as sessões, o fim do meu domingo.(Hatoum, 2000, p.81)

Nestas passagens a posição de entrelugar de Nael aparece de maneira mais esclarecedora. Ele desfrutava da tecnologia voltada para o entretenimento, e da natureza que rodeia Manaus. Mas, no fim ele tinha de voltar ao seu ambiente interior. A casa. Ao quartinho dos fundos. Ele não era totalmente preso, como Domingas, mas também não podia desfrutar de uma liberdade plena.

A obra conduzida por Nael mostra a decadência da casa condicionada à da família libanesa. No fim, a casa é vendida e reformada, mas zana, que tanto a estimava, "não chegou a ver a reforma da casa, a morte a livrou desse e de outros assombros.", (HATOUM, 2000, p.255) disse-nos Nael.

Por fim, Nael ainda nos apresenta mais uma transformação no cenário manauara. A chegada de produtos importados, os quais colaboraram para o crescimento econômico de Manaus. A casa da família transformou-se n'A Casa Rochiram: "Na noite da inauguração da Casa Rouchiram, um carnaval de quinquilharias importadas de Miami e do Panamá encheu as vitrines. Foi uma festa de estrondo, e na rua uma fila de carros pretos despejava políticos e militares de alta patente." (Hatoum, 2000, p.257).

Assim, Nael nos guiou nessa breve análise. Terminou só (como Bento Santiago), no quartinho dos fundos, não da casa, esta já não existia mais, mas da Casa Rochiram: No projeto da reforma, o arquiteto deixou uma passagem lateral, um corredorzinho que conduz aos fundos da casa. A área que me coube, pequena, colada ao cortiço, é este quadrado no quintal." (HATOUM, 2000, p.256), provavelmente, Capitu, com seu olhar oblíquo e dissimulado, adoraria ter visto e/ou participado da trama de Hatoum. Ela provavelmente sorriria com os olhos. – Mas ela não estava lá?

**Referencial Teórico**

ASSIS, Machado de. *Dom casmurro*. Rio de Janeiro: Mediafashion, 2008.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço.* São Paulo: Martins Fontes, 1993.

HATOUM, Milton. *Dois Irmãos.* São Paulo- Companhia das Letras, 2000.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.* São Paulo: Difel,1983.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.* São Paulo: Difel, 1980.